

AS REPRESENTAÇÕES DO ΛΌΓΟΣ NO FILOCTETES, DE SÓFOCLES



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v8i1.1608>

Matheus Barros da Silva

Mestrando em História pela Universidade Federal de Pelotas

Membro dos grupos: Polo interdisciplinar de estudos do mundo antigo (POIEMA) e Laboratório de estudos da cerâmica antiga (LECA)

matheusbarros.dasilva@gmail.com



Recebido em: 15/07/2015 – Aceito em 06/09/2015

Resumo: Nosso texto tem como objetivo elaborar uma problematização sobre a questão do λόγος (discurso) no Filoctetes de Sófocles. Partimos da hipótese de que há uma tensão entre discursos no Filoctetes. Pretendemos observar como o discurso é apropriado pelos personagens Odisseu e Neoptólemo e posto em cena. O primeiro advoga por um λόγος que apenas tenha em vista um objetivo a atingir, mesmo que para isso se utilize da mentira. Por outro lado, Neoptólemo procurar articular uma argumentação que seja clara e honesta. Sobre esta ambiguidade tentaremos realizar nossa reflexão.

Palavras-chave: λόγος, tragédia, Filoctetes.

Abstract: Our text is intended to develop a questioning on the issue of λόγος (speech) on the Philoctetes of Sophocles. Our hypothesis is that there is a tension between speeches at the Philoctetes. We intend to observe how the logos is appropriate for the characters Odysseus and Neoptolemus and put into play. The first advocates for a speech that only has one goal in mind to achieve, even if it is used the lie. On the other hand, Neoptolemus seeks to articulate an argument that is clear and honest. About this ambiguity we try to carry our reflection.

Keywords: λόγος, tragedy, Philoctetes.

Considerações iniciais:

Nossa intenção no presente texto é perceber de que forma o λόγος¹ (discurso), se apresenta no interior da tragédia *Filoctetes* (409) de Sófocles. Para isto, partimos da hipótese de que a citada obra possui em suas estruturas um debate sobre a natureza do discurso, bem como, qual deve ser sua utilização².

O *Filoctetes* de Sófocles foi encenado no ano de 409, em Atenas, por ocasião das Grandes Dionisíacas daquele ano. Ao final do V século, Atenas é apresentada como um cosmos humano efervescente e sensivelmente conturbado. A morte de Péricles, vinte anos antes (429), foi um duro golpe na vida política e social de Atenas. Somando-se a isto, no momento de encenação do *Filoctetes* as feridas causadas pela ainda corrente Guerra do Peloponeso, desnudava cada vez mais as tensões internas que se arrefeciam na pólis ática. Neste sentido, o modelo democrático ateniense passa a ser alvo cons-

¹As explicações dos termos gregos foram buscadas nas obras, DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; MALHADAD, Daisi; NEVES, Maria Helena de Moura. Dicionário Grego-Português seis volumes. Cotia: Ateliê Editorial, 2008 e BAILLY, Anatole. Le Grand Bailly. Paris: Hachette, 1950.

²Usaremos os termos λόγος, discurso, palavra-política, de forma intercambiável. A ideia é trabalhar como λόγος a partir de sua função como ferramenta política, ou seja, instrumento das relações sociais no seio da pólis clássica.

tante por parte de grupos oligarcas que nunca haviam aceitado o compromisso democrático. Tais grupos buscavam ascender a posições de poder, abrindo um caminho para a derrocada da democracia (DAGIOS, 2012, p. 9).

Neste estado de coisas, a palavra-política e seu caráter de debate, de instrumento para todas as relações sociais (THEML, 1998, p. 53), assume grande preeminência. Pois através das tentativas de convencimento público do corpo de cidadãos, grupos de aristocratas elaboravam suas ferramentas de dissociação da democracia em Atenas. O λόγος era o grande instrumento político no jogo dialógico político (DAGIOS, 2012, p. 31).

Com efeito, assumindo ser a tragédia uma expressão, que a um só tempo é uma forma de espetáculo e uma instituição da cidade, por conta de sua inserção no calendário cívico da pólis (VERNANT; VIDAL-NAQUET, p. 3), compreende-se que os temas que compunham o próprio universo da cidade são mimetizados pela linguagem trágica, como por exemplo, o poder, a autoridade, a paz e a guerra (ROMILLY, 1999, p. 14). Pois, sendo uma arte elaborada por cidadãos – os poetas trágicos – para cidadãos – público reunido no teatro (DAGIOS, 2012, p. 9), é verossímil que os autores tenham buscado tocar sua audiência mediante referências comuns a ambas as partes (ROMILLY, 1999, p. 18).

Voltemos ao *Filoctetes*. Em cena há três personagens que podemos chamar por núcleo onde se realiza o desenvolvimento do argumento da peça. Há o próprio Filoctetes, Odisseu e o jovem Neoptólemo, filho de Aquiles. A ação da peça tem seu início quando chegam à Lemnos os dois últimos personagens mencionados a fim de convencerem Filoctetes de sua volta ao campo de batalha, contra Tróia. Este convencimento deve se dar por uma argumentação, ou seja, pelo exercício do λόγος.

Como coloca o estudioso da peça *Filoctetes*, Mateus Dagios:

Trabalha-se com a hipótese de que existe no texto trágico um conflito de visões de mundo e de significados e de que as diferentes posturas dos personagens frente ao λόγος constituem representações de discursos antagônicos com relação à palavra persuasória, pertencentes ao repertório cultural da cidade ateniense do último quartel do século V a. C (DAGIOS, 2012, p. 15)³.

Assim, tentaremos elaborar uma zona de reflexão acerca do discurso, λόγος, como um problema no interior do texto de Sófocles, *Filoctetes*.

A palavra como problemática:

Aponta Fernando Brandão dos Santos, que o *Filoctetes* “é uma peça que discute estratégias de persuasão e suas relações com a fraude e com o emprego da coação física” (SANTOS, 2008, p. 14). O que este autor parece querer dizer, é que nas estruturas do *Filoctetes* é possível pinçar elementos que digam respeito sobre o discurso em sua função de estabelecer a comunicação, bem como uma ferramenta de convencimento.

O começo da obra apresenta os personagens de Odisseu e Neoptólemo. Até o verso 134 o que temos é um diálogo entre as figuras citadas. Odisseu apresenta suas razões para o abandono do arqueiro Filoctetes, bem como, os motivos que lhe fazem procurar resgatar o homem coxo. Desta forma, diz a Neoptólemo, “De Filoctetes tu precisas a alma (ψυχήν) roubar (ἐκκλέψεις) palavras (λόγοισιν) proferindo (λέγων)” (vv. 55-56). Percebemos nesta passagem que a questão do λόγος surge em um sentido específico por parte de Odisseu. O discurso, que aqui está sob a forma de dativo plural (λόγοισιν), deve ser utilizado como mecanismo de captura, de roubo da alma de

³ A citação é retirada de sua dissertação de mestrado intitulada Neoptólemo entre a cicatriz e a chaga: logos sofisticado, peithó e areté na tragédia Filoctetes de Sófocles, uma densa e profunda análise acerca do discurso e ensino sofista a partir de uma leitura da tragédia Filoctetes. Nossa intenção no presente artigo é sensivelmente mais modesta, apenas temos a intenção de observar de forma mais geral os aspectos da palavra na mesma obra. Salientamos também, que em nossa reflexão devemos tributo ao trabalho de impar qualidade do pesquisador Mateus Dagios.

Filoctetes. Em outras palavras, denota-se a força do discurso, que quando bem articulado poder penetrar na mais profunda consciência de outrem.

O que se segue após esta instrução, é a apresentação de uma trama que Odisseu elabora e passa a Neoptólemo, este deve usá-la para angariar as graças de Filoctetes e convencê-lo da causa grega. Aquela trama é constituída de enganos, e até mesmo de meias verdades. Neoptólemo, quando contata Filoctetes, deve ser explicitamente verdadeiro em determinados detalhes – como, ser filho de Aquiles, por exemplo –, por outro lado, deve também ser capaz de apresentar um enredo enganoso – onde tenha sofrido nas mãos de Odisseu e dos atridas – para assim se aproximar de Filoctetes e ter sua simpatia⁴ (vv. 56-69). Dagios vê nesta questão o seguinte:

Odisseu dá aqui instrução detalhadas de uma história ardilosa que não é apenas mentira, mas dosificação desta com a verdade, de modo a atingir a máxima eficácia. Neoptólemo deve acentuar a sua identidade ao mesmo tempo em que falseia a sua experiência e relação com a armada grega, de forma a conquistar pela retórica a simpatia de Filoctetes. Neoptólemo deve aprender de Odisseu o poder mágico do lógos (...) (DAGIOS, 2012, p. 59).

Neste sentido, Odisseu ainda afirma que a língua (γλῶσσαν) (vv. 97) é o que tudo conduz, ou seja, pela argumentação é possível atingir todos os fins que se propõe. Neoptólemo, questionando-o sobre o que deve fazer, recebe a seguinte resposta da parte de Odisseu: “Digo-te que pela astúcia (δόλιος) agarres Filoctetes” (vv. 101). Aqui, o próprio Odisseu apresenta seu argumento como sendo dotado de astúcia (δόλιος). Este conceito possui uma rede de significados que designam um tipo de astúcia que funciona a partir do engano. Não sem motivo que δόλιω - δόλος em sua forma de dativo singular – está associado a uma família de palavras das quais podemos citar alguns exemplos, δολερός (mentiroso; pérfido), δολιόμητις (aquele que tem espírito pérfido), δολιόπους (quem tem passo furtivo) e δόλιος (aquele que engana).

Assim, esta astúcia que Odisseu advoga é de um tipo específico, pois não é tão-somente as palavras que para o rei de Ítaca que possuem a primazia na condução das ações humana. Para o filho de Laerte, o λόγος pode trabalhar ao lado do engano, pelas sombras da mentira se necessário. Quando questionado por Neoptólemo, se não sente vergonha alguma em agir de forma enganosa e propor mentiras (vv. 108), Odisseu responde sem titubear, “não, se a mentira (ψευδής) traz a salvação” (vv. 109). Nota-se, então, que os argumentos (λόγοις), de Odisseu não se desprendem de um certo agir enganoso. Mentiras pouco importam se ao fim se obter o lucro.

Para Fernando Brandão dos Santos, o Odisseu no *Filoctetes* possui uma imagem carregada de elementos que o aproximam de um sofista (SANTOS, 2008, p. 31). Ao associar as palavras de Odisseu ao λόγος sofisticado, Santos chama à atenção para a ambiguidade que o adjetivo σοφός (vv. 119) pode assumir nas estruturas do *Filoctetes*, podendo ora querer dizer ser um sábio, ora um experto que age sem escrúpulos (SANTOS, 1993, p. 1142). A habilidade em manejar este tipo de ambiguidade seria própria a um sofista (SANTOS, 2008, p. 32). Os sofistas, fundamentalmente a partir da segunda metade do V século, desempenharam um papel de peso na vida cultural de Atenas (KERFERD, 2003, p. 31)⁵.

Deixemos em espera a figura de Odisseu. Passaremos a olhar a imagem de Neop-

⁴Devido ao fato de que Filoctetes tinha Aquiles na mais alta conta. E, por sua vez, era inimigo jurado de Odisseu e os atridas (Agamémnon e Menelau), pois foram os três homens que o abandonaram.

⁵Para Dagios, Sófocles utiliza a figura de Odisseu e sua habilidade oratória, bem como sua capacidade de usar qualquer discurso – verdadeiro ou não – para atingir algum fim, com o fito de mimetizar condutas e ações que seriam da alçada do sofista, como por exemplo, a relativização da natureza da verdade (DAGIOS, 2012, p. 54). Esta chamada relativização pode ser observada, por exemplo, em versos já citados – vv. 109 – quando Odisseu não vê problema algum em servir-se da mentira para obter o lucro. Ou seja, é como afirmar que argumentos verdadeiros não possuem a priori uma preeminência, pois dependeria de sua capacidade de alcançar aquilo que considera ideal. Nossa intenção não é nos debruçarmos sobre as aproximações entre a imagem de Odisseu e a dos sofistas. Sobre este debate, Mateus Dagios – citado aqui – o explorou de forma singular.

tólemo, pinçando em algumas de suas falas a problemática do λόγος. Se nas citações que usamos até o momento a palavra, o ato de argumentar e convencer surgiu como que ligados ao δόλος, aquela astúcia enganadora e subversiva, o que procuramos agora é mostrar a palavra de outro ângulo. O falar e procurar o convencimento não com belas e desidiosas palavras, mas ao contrário, às claras e colocando o interlocutor como igual. Observaremos tal comportamento na figura de Neoptólemo, quando este toma consciência da falha em seguir os ditames de Odisseu.

Neoptólemo acaba por discutir com Odisseu, pois, demonstra a intenção de reparar o erro cometido, ou seja, o engano perpetrado contra Filoctetes. O filho de Aquiles se coloca à frente da caverna de Filoctetes, e o chama:

Ne. Coragem! Escuta as palavras que te trago!

Fil. Eu tenho medo.

também agi mal ao ter sido persuadido pelas belas palavras de teu discurso (vv. 1267-1269).

Notamos que no chamado de Neoptólemo a Filoctetes há uma preocupação com o escutar a palavra do outro. Com efeito, isto demonstra a importância acerca do diálogo que havia para o pensamento grego (ROGUE, 2005, p. 8). A capacidade da ação humana tendo por ferramenta de persuasão o discurso, se expressa na seguinte intervenção de Neoptólemo: “Mas queria que tu cedesses às minhas palavras (λόγοις)” (vv. 1280-1281).

Neoptólemo lamenta que seu discurso, agora honesto e claro, não tenha efeito algum sobre Filoctetes. O jovem procura mais uma vez o convencimento, lembrando, pela palavra clara, aberta e honesta:

Ne. Aos homens a sorte dada

pelos deuses é necessário suportar.

Mas a quantos que por vontade própria estão em aflições

Como tu, a esses nem é justo que se tenha

Indulgência nem que alguém os lamente.

Tu te tornaste selvagem, e não acolhes um conselho, e se

alguém te adverte falando com benevolência (εὖ νοί),

odeias como a um inimigo, considerando-o um opositor

(vv. 1316-1323).

Percebe-se que entre Neoptólemo e Odisseu existe uma semelhança. Em outras palavras, ambos os homens concebem o λόγος como meio de ação, como ferramenta para se atingir um fim. A ruptura reside em que para Neoptólemo, a palavra deve ser afastada de argumentos falaciosos. Na citação, vê-se que o falar com benevolência (εὖ νοί) é o que deve ser considerado.

Podemos dizer que há uma tensão entre duas formas de conceber a natureza do λόγος. A de Odisseu, por um lado, e de Neoptólemo, por outro. Maria Regina Candido e Gabriel Cornelli apontam que esta tensão traduziria uma intenção de Sófocles em colocar em cena um questionamento sobre qual forma a relação entre os homens deve-se dar. Seria pela astúcia enganosa, ou pelo argumento persuasivo honesto e claro? (CANDIDO; CORNELLI, 2009, p. 56). Isto tem sentido na medida em que recordamos ser o λόγος um diapasão do convívio público na pólis.

Desta forma, nos indagamos qual seria o significado desta oposição entre maneiras de se pensar acerca do λόγος. Tentemos jogar alguma luz sobre a problemática.

Em determinado passo Neoptólemo questiona como alguém – Odisseu – pode proclamar que a mentira justifica um fim (vv. 110). Justamente, para Odisseu, quando se tem algum objetivo de grande monta não convém hesitar, todos os recursos devem ser considerados (vv. 111). Adiante, no texto, quando Odisseu é troçado tanto por Neoptólemo, como por Filoctetes, o rei de Ítaca diz:

Od. Muitas coisas teria a responder às palavras dele,
se me fosse possível. Agora de um só discurso (λόγος) sou senhor.
Pois quando se precisa de um tal tipo de homem, o tal sou eu,
e onde houver uma escolha entre homens justos (δικαίων) e bons (καγαθόν), não escolherás ninguém mais escrupuloso que eu (vv. 1047- 1051).

Notamos Odisseu afirmar que no momento, devido às exigências impostas ele é senhor, manipula apenas um discurso (λόγος). No seguimento da citação, ainda reafirma que pode ser tudo aquilo que tal ou qual situação pede. É neste pensamento que Odisseu é capaz de afirmar poder mesmo ser justo e bom se o momento fosse outro. Com efeito, em sua fala, a questão da justiça não possui valor em sua essência. Para Odisseu, ser justo vale na medida em que possa tirar algum lucro.

Pensem isto em relação a uma característica singular do pensamento ateniense do século V a. C. Um dos fundamentos do modelo democrático na pólis de Atenas era a chamada *σηγορία*, ou seja, o direito de todo cidadão tomar a palavra nas reuniões públicas. Tendo, em tese, cada voz cidadã o mesmo peso, a todos os cidadãos se coloca a exigência ética de proferir a palavra sempre de forma clara, articular o λόγος com toda franqueza e responsabilidade, a isto chamavam *παρηρησία* (CASTORIADIS, 2002, p. 304).

Odisseu descarta desta questão, maquina seu discurso nas sombras, e parece mesmo troçar sobre aquilo que é justo quando diz que poder ser um homem justo quando a situação impõe, ou um enganador sórdido se o momento é outro.

Já Neoptólemo, censura a ligação do λόγος de Odisseu com aspectos enganosos, bem como, afirma que seu discurso é benevolente e deve, então, ser considerado. O filho de Aquiles apresenta uma visão acerca da palavra, do discurso, como de fato sendo a ferramenta das relações entre os humanos, mas a natureza deste λόγος é outra. Para Neoptólemo, o discurso deve ser persuasório mediante argumentação clara, que faça o interlocutor refletir a partir de informações verdadeiras.

Assim, Sófocles ao elaborar uma peça trágica onde percebemos que é atribuída uma sensível preeminência ao diálogo, ao argumento, nota-se que o problema da palavra e seu uso não eram ignorados pelos gregos antigos. Em suma, podemos dizer que a tragédia *Filoctetes*, sintetiza e também reverbera este universo entorno da questão da palavra.

Com efeito, seguindo a indicação de Charles Segal, de que a tragédia leva à cena, pela linguagem do mito, questões que em última instância versam sobre os temas correntes no contexto de produção de uma obra trágica (SEGAL, 1994, p. 194), Sófocles, no *Filoctetes* discutiria a natureza do λόγος em sua função política. Pois como aponta Jean-Pierre Vernant:

A palavra não é mais o termo ritual, a fórmula justa, mas o debate contraditório, a discussão, argumentação. Supõe um público ao qual ela se dirige como a um juiz que decide em última instância, de mãos erguidas, entre dois partidos que lhe são aprestados; é essa escolha puramente humana que mede a força de persuasão respectiva dos dois discursos, assegurando a vitória de um dos oradores sobre seu adversário (VERNANT, 2013, p. 54).

Desta forma, sendo a tragédia uma forma de expressão que toma aspectos próprios à mentalidade da pólis, como elementos a serem postos em cena e debatidos (SEGAL, 1994, p. 195), aquela tensão e mesmo ambiguidade entre os discursos de Odisseu e Neoptólemo que se revela no *Filoctetes*, traduziria inquietações partilhadas entre poeta e seu público. Na pólis deter a palavra, o λόγος era prerrogativa do cidadão, mas que acarretava a responsabilidade de bem falar (ε λέγειν), o que inclui a questão da franqueza na argumentação. Em suma, o *Filoctetes* apresentaria ao público de cidadãos reunidos no teatro de Dioniso um questionamento acerca da natureza e dos limites que compunham essa abertura ao diálogo. O que dizer; como falar; de que forma os humanos devem agir mediante discursos. Tais questionamentos podem ser pensados a partir do momento em que se evidencia no *Filoctetes* uma problemática do λόγος.

Considerações finais:

Desta forma, chegamos ao fim de nosso texto. De maneira alguma pretendemos esgotar o debate sobre o complexo universo que é o *Filoctetes* de Sófocles. Nossa intenção foi apenas tecer alguns comentários sobre aspectos que nos surgem no decorrer de nossas pesquisas. Partimos do pressuposto teórico que compreende a tragédia grega como um elemento e mesmo instituição da pólis clássica, Atenas. Assim, esta expressão artística, o trágico, em sua estreita ligação com cidade, explicitaria a partir de uma linguagem singular o próprio universo político, social e cultural da pólis.

Também, admitindo que o discurso (λόγος) assumia uma posição de preeminência na cidade clássica, pois ter voz na assembleia, por exemplo, passava pela a habilidade de manejar o discurso. Empreendemos uma leitura a partir do *Filoctetes* que problematiza a questão do λόγος. Uma tragédia que coloca um objetivo a dois personagens – Neoptólemo e Odisseu – mas que debate duas formas de levar a termo tal objetivo, convencer Filoctetes de sua volta ao exército grego. Assim, pinçando algumas falas, fundamentalmente de Odisseu e Neoptólemo, procuramos observar de forma cada personagem articula seu discurso, quais os valores os compõem e fazem circular no texto.

Referências Bibliográficas:

- BAILLY, Anatole. **Le grand Bailly**. Paris: Hachette, 1950. p. 2230
- CANDIDO, Maria Regina; CORNELLI, Gabriel. A arte e o ofício do poeta trágico. Fábio de Souza Lessa; Andréia Cristina Lopes Fração da Silva (org). **História e Trabalho: entre artes e ofícios**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 47-59.
- CASTORIADIS, Cornelius. **Encruzilhadas do Labirinto Vol II**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 480.
- DAGIOS, Mateus. **Neoptólemo entre a cicatriz e a chaga: lógos sofisticado, peithó e areté na tragédia Filoctetes de Sófocles**. Dissertação (Mestrado) Mestrado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 154.
- DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; MALHADAD, Daisi; NEVES, Maria Helena de Moura. **Dicionário Grego-Português Vol. 3**. Cotia: Ateliê Editorial, 2008. p. 259.
- KERFERD, G. B. **O movimento sofista**. São Paulo, 2003, p. 310.
- ROGUE, Christophe. **Compreender Platão**. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 207.
- ROMILLY, Jacqueline de. A Tragédia Grega. Lisboa: Edições 70, 1999. p.176
- SÓFOCLES. **Filoctetes**. Tradução e Introdução Fernando Brandão dos santos. São Paulo: Odisseus, 2008. p.199.
- SANTOS, Fernando Brandão. Introdução. **Filoctetes**. São Paulo: Odisseus, 2008. p. 17-53.
- _____. O termo sophós no Filoctetes de Sófocles. **XII Anais de Seminários da GEL**. Ribeirão Preto. Vol II. p. 1138-1144. 1993.
- SEGAL, Charles. O ouvinte e o espectador. Jean-Pierre Vernant (org). **O homem Grego**. Lisboa: Presença, 1994. p. 173-199.
- THEML, Neyde. **O público e o privado na Grécia do VIII ao IV séc a. C**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998. p. 114.
- VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. 13ª edição. São Paulo: Difel, 2013. p. 145.
- _____; NAQUET, Pierre-Vidal. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011. p. 376.